

## Evocação de Rosalía de Castro em dois poemas de Pedro Homem de Mello

Na década de 30 do século XX, a Câmara Municipal do Porto decidiu dar o nome da Galiza a uma nova praça da cidade, situada na interseção da Rua de Júlio Dinis com a Rua do Campo Alegre e a Rua da Piedade<sup>1</sup>. A escolha do topónimo foi assim justificada pelo presidente do município, Alfredo de Magalhães:

como homenagem ao Povo Galego, tão intimamente ligado ao desenvolvimento da Pátria Portuguesa desde as suas origens até hoje, pela língua e pela forte colaboração que esse bom e admirável país, só digno do nosso respeito e da nossa simpatia, nos deu sempre, colonizando e arroteando a terra, e correndo connosco os mesmos riscos e a mesma glória, no ciclo histórico das navegações e conquistas que aqui foram iniciadas pelo mais ilustre filho do Porto, o Infante D. Henrique (CMP, 1955: 5).

Mais tarde, já na década de 50, «surgiu [...] a ideia de aí ser colocado um monumento condigno do local» (CMP, 1955: 5), tendo-se então encomendado uma escultura da poetisa galega Rosalía de Castro (1837-1885) a Mestre Salvador Barata Feyo, professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto e membro da segunda geração de escultores modernistas portugueses<sup>2</sup>. Talhado em granito rosado, tratava-se, nas palavras de Agustina Bessa-Luís, de um «monumento que, pela simplicidade, faz estremecer o coração; Rosalía parece estar sentada sobre a própria tumba, olhando o mar de que tanto queria conhecer o fundo, pelas Torres de Oeste chegada à romaria Viking» (apud Lopez & Pociña, 2018: 211). A inauguração aconteceu a 3 de agosto de 1954, no âmbito de uma série de eventos comemorativos: uma cerimónia

oficial, tendo como convidados de honra o alcaide de Santiago de Compostela, Enrique Otero Aenlle, e a filha da poetisa, Gala Martínez-Murguía de Castro (que doou à Câmara Municipal um manuscrito autógrafo de Rosalía<sup>3</sup>); uma receção no Consulado Espanhol; um serão literário e musical na Biblioteca Municipal do Porto, que contou com conferência proferida pelo escritor galego Eugenio Montes; e um banquete de gala, servido nos Paços do Concelho.

A escolha da homenageada, há muito merecedora de admiração em Portugal<sup>4</sup>, mesmo entre as camadas iletradas – ao ponto de a inscrição escultórica de Barata Feyo vir familiarmente identificada apenas pelo nome próprio, sem apelido – enquadrava-se numa estratégia oficial, franquista como salazarista<sup>5</sup>, de apropriação da faceta mais «inócua» (Guerra da Cal, 1985: XVI) da autora de *Cantares Gallegos* (1863), cujos poemas glosam, como se sabe, adágios e cantares tradicionais, acabando, por sua vez, assimilados «no repertório das cantigas populares, do que procediam» (Guerra da Cal, 1985: XXVIII). Como muitos notaram já, essa aura de «poetisa regional», «figura feita à medida para reuniões de ranchos folclóricos de coros e danças típicos» (Guerra da Cal, 1985: XVI), vinha sendo «manipulada com deliberada ocultação e tergiversação de aspectos fundamentais da sua personalidade por aqueles que [...] administravam] uma visão da Galiza, tranquilizadora, submissa e folclorizante»<sup>6</sup>.

A julgar pelas fotografias publicadas no opúsculo da homenagem portuense (CMP, 1955), a iniciativa terá mesmo envolvido membros destacados do Secretariado Nacional da Informação, organismo responsável por con-



Monumento, mandado erigir pela Câmara Municipal do Porto. Obra de granito rosado, da autoria do Mestre Barata Feio.  
© Teófilo Rego. <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/330556/>

trolar a propaganda durante o Estado Novo<sup>7</sup> e do qual Pedro Homem de Mello (1904-1984) era um dos colaboradores, trabalhando no Jornalismo e dirigindo a Secção de Conferência: Quadros da História da Literatura<sup>8</sup>. Não admira, por isso, que o poeta se tenha deixado entusiasmar pelo acontecimento, não só porque o monumento a Rosalía se encontrava (e permanece até hoje) plantado em frente à Escola Industrial Infante D. Henrique, onde era professor<sup>9</sup>, mas porque a sua própria obra apresenta afinidades notórias com a poesia rosaliana. Embora Pedro Homem de Mello – até pelas relações que manteve com o Regime – tenha optado por formas de protesto social bem mais subtis do que «a justiça pela mão» reclamada por Rosalía (Guerra da Cal, 1985: 64-65), ambos beberam inspiração na realidade da paisagem natural e humana do noroeste peninsular, trazendo para os seus versos uma oralidade rítmica e prosódica de raízes populares, que entronca no património comum da lírica galaico-portuguesa medieval.

À semelhança de muitos outros autores que procuraram «exaltar, reverenciar e transfigurar Rosalía» (Guerra da Cal, 1985: 127) – desde logo Federico García Lorca (Guerra da Cal, 1985: 193-199), tido como uma das principais referências literárias de Pedro Homem de Mello – o poeta decide assim compor, durante a temporada estival na sua quinta de Cabanas (Afié), um poema significativamente intitulado «Homenagem a Rosalía», que saiu no n.º 7 do tomo III de *Quatro Ventos: Revista Lusíada de Literatura e Arte*, publicada em Braga pela Livraria Cruz & Companhia, com tríade de diretores portugueses, brasileiros e galegos<sup>10</sup>:

Homenagem a Rosalía

Vós que me ouvis, ide anunciar quem somos,  
Com malagueñas que recordem Fados.  
E em ritmos verdes, virgens como pomos,  
Renasçam os poemas sepultados!  
Ide bailando e as voltas da Muñera  
Talvez acendam frémios de Vira.  
Rosas! Cobri aquelas mãos de cera,  
Famintas de beleza e de mentira!  
As pregas de urze, ocultas no caminho,

Não são fronteiras. O seu nome é brisa...  
Onde escrevi «Galiza» leiam «Minho»  
Onde «Minho» escrevi, leiam «Galiza».

Cabanas – Setembro de 1954.

*Quatro Ventos*. T. III, n.º 7 (outubro 1955), pp. 17-18.  
© Herdeiros de Pedro Homem de Mello.

Como seria expectável, o poema aludia a vários símbolos da cultura popular portuguesa e espanhola, com destaque para a música (a Malagueña andaluza e o Fado português) e as danças autóctones (a Muñeira galega e o Vira minhoto), que foram sempre uma constante na Obra do poeta portuense, conhecido pelas suas recolhas etnográficas e mais tarde pelo programa de televisão «Danças e Cantares» (transmitido aos domingos pela RTP, a partir de 1958), bem como pelos ensaios publicados numa coluna regular do *Jornal de Notícias* e em vários livros (Mello, 1941; Mello, 1962; Mello, 1966a; Mello, 1971a).

Desde finais da década de 30, a poesia melliana vinha sendo, aliás, atravessada por uma profusão de referências a Espanha, sobretudo ao imaginário andaluz de Federico García Lorca (Pereira, 2024), mas também à raia minhota, cantada em numerosos poemas intitulados de «Fronteira» (Mello, 1942: 117-118; Mello, 1947: 109-110; Mello, 1966b: 46-47; Mello, 1971b: 60-61) ou que aludem ao intercâmbio constante das duas comunidades. A celebração dos laços que unem os povos do Minho e da Galiza far-se-ia todavia com referência explícita a Rosalía de Castro, num segundo poema da Obra melliana, intitulado «Saudação à Galiza», que foi originalmente composto na noite de S. João de 1958 e de que o espólio autoral, pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal, guarda duas versões, com variantes substantivas entre si (vd. quadro infra).

Trata-se, essencialmente, de um panegírico minhoto-galaico, que procura ressaltar a paisagem comum (as «verdes terras» «de milho verde», «o mar», o rio «Minho») e uma série de paralelismos entre os dois povos, aí representados por dois poetas de matriz comum – «João Verde e Rosalía» – enquanto personificação amorosa do Minho e da Galiza, por alusão a um conhecido carne

**Testemunho A [datiloscrito]:**  
**Biblioteca Nacional de Portugal, E14, cx 21 [pasta 96]:**

SAUDAÇÃO À GALIZA

<Saúdo>[↑ Contemplo]-Te Galiza, atrás de uma vidraça,  
A dos olhos que vês, – meus olhos rasos de água! –  
Amor de perdição, amor da minha raça!  
Eu amo-Te galiza. E o amor é sempre mágoa.  
Eu quero-Te, Galiza. E é dor o meu desejo.  
Por isso este poema evoca a flor agreste,  
Esfolhada ao nascer, na música de um beijo,  
Que mal há-de poisar na mão que nos trouxeste...  
Saúdo-te, contudo, em tuas verdes terras,  
Terras de milho verde onde não cresce o trigo.  
Um sonho nos irmana: o mar que nos descerras  
E o nosso rio – o Minho! – também está contigo.  
Da sua boca fresca ergueu-se a mesma fala.  
Dizemos nós “saudade” e vós dizeis “morriña”.  
Dois corações num só. E esse anjo que os embala  
<Antes>/Então, chama-nos “Rei” e a <ra>/Ti, chama “Rainha”.  
Berço, tivemos um: outrora, a Reconquista...  
Cantai, bailando em verso, agora, neste dia,  
Man[ue]la Couto Viana e Júlio Evangelista,  
Que a boda é de João Verde e a noiva é... Rosália!

Noite de S. João de 1958.

**Testemunho B [avulso impresso]:**  
**Biblioteca Nacional de Portugal, E14, cx 3 [pasta 8]:**

Saudação à Galiza

Inédito de  
PEDRO HOMEM DE MELLO

Contemplo-Te Galiza, atrás de uma vidraça.  
Repara em mim. Não vês meus olhos rasos de água?  
Amor de Perdição, amor da minha raça!  
Eu amo-Te, Galiza. E o amor também é mágoa.  
Eu quero-Te, Galiza. E é dor o meu desejo.  
Por isso, este poema evoca a flor agreste,  
Esfolhada ao nascer, na música de um beijo,  
Que mal há-de poisar na mão que me trouxeste...  
Saúdo-Te, contudo, em tuas verdes terras,  
Terras de milho verde onde não cresce o trigo.  
Um sonho nos irmana: o mar que nos descerras.  
E o nosso rio – o Minho! – andou sempre contigo.  
Da sua boca fresca ouviu-se a mesma fala: –  
«Saudade», para nós e, para ti, «morriña».  
Dois corações num só, que a mesma brisa embala...  
De El-Rei é Portugal... Galiza é da Rainha!  
Saúdo-Te de pé, Galiza, intacta e toda,  
Como que abrindo o peito ao Sol que me alumia  
E oiço, em marcha nupcial de inenarrável boda,  
Dois corações num só: João Verde e Rosália!

Porto, dia de S. João de 1958.

do autor monçanense, onde «a Galiza mail’o Minho/ são como dois namorados/ que o rio traz separados/ quase desde o nascimento»<sup>11</sup>.

Depois de revista pelo autor, esta «Saudação à Galiza» haveria de ser incluída num livro de Pedro Homem de Mello em que abundam as referências ao estrangeiro – o volume *Cartas de Inglaterra* (Mello, 1973: 40-41) – mas, desta vez, com dedicatória «a Don Manuel Bullosa», um dos homens mais ricos e influentes em Portugal, tido como epítome das relações galaico-portuguesas na altura:

Manuel Bullosa era talvez a pessoa que, em Portugal, mais conhecia do negócio de petróleos em larga escala. A partir do nada, veio para Lisboa da sua Galiza natal e começou desde moço a vender petróleo pelas ruas, empregado numa das carvoarias da época. Passo a passo, foi subindo e fez uma imensa fortuna. Em certa altura dizia-se ser mesmo a maior fortuna de Portugal. Mas a

par da ascensão nos negócios, que foi efectivamente prodigiosa, cultivou-se e adquiriu um «status» social ao nível da sua promoção financeira. Era, aliás, naturalmente, um «gentleman», um grande senhor: nas maneiras, no comportamento, nas relações sociais que soube criar, no cuidado, um tanto «snob» no vestir... [...] Pertencia, no plano das grandes famílias ricas do tempo, à elite financeira do regime (Soares, 2000).

Mais do que o elogio de circunstância, assente em lugares-comuns e enquadrado na retórica oficial do Regime, diríamos que os dois poemas de evocação a Rosália de Castro, aqui apresentados, testemunham uma afinidade lírica que não parece ser de menor relevância no conjunto da vasta obra melliana. Será, todavia, necessário empreender ainda um estudo comparativo de fôlego, para podermos averiguar a real medida das influências rosalianas na poesia de Pedro Homem de Mello.

## Referências bibliográficas

- [CMP – Câmara Municipal do Porto] (1955). *Homenagem a Rosália de Castro: Agosto de 1954*. Porto: Gabinete de História da Cidade.
- Côrte-Real, Maria de São José (2002). Musical Priorities in the Cultural Policy of Estado Novo. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 12, 227-252. <<https://rpm-ns.pt/index.php/rpm/article/view/117>>
- Guerra da Cal, Ernesto, org. (1985). *Rosalía de Castro: Antologia Poética: Cancioneiro Rosaliano*. Viseu: Guimarães Editores.
- Lopez, Aurora & Andrés Pociña (2018). «A recepción de Rosalía en Portugal». *Follas Novas: Revista de Estudos Rosalianos*, 3: 195-217. <<https://follasnovas.rosalia.gal/artigo/a-recepcion-de-rosalia-en-portugal>>
- Mello, Pedro Homem de (1941). *A Poesia na Dança e nos Cantares do Povo Português*. Porto, [s.n.].
- (1942). *Pecado* (pref. José Régio). Lisboa: Edições Gama.
- (1947). *Bodas Vermelhas*. Porto: Editorial Domingos Barreira.
- (1955). «Homenagem a Rosalia». *Quatro Ventos: Revista Lusitana de Literatura e Arte*. T. III, n.º 7 (outubro), pp. 17-18.
- (1962). *Danças Portuguesas*. Porto: Lello & Irmão.
- [1966a]. *Danças de Portugal*. Porto: Livraria Avis.
- (1966b). *Eu Hei-de Voltar Um Dia*. Lisboa: Ática.
- (1971a). *Folclore*. Lisboa: Ática.
- (1971b). *Fandangueiro*. Porto: Edições ASA.
- (1973). *Cartas de Inglaterra*. Porto: Lello & Irmão.
- Nunes, Henrique Barreto [s.d.]. «João Verde, um poeta da raia». <<https://henriquebn.wordpress.com/revisao-da-materia-dada/joao-verde-um-poeta-da-raia/>>
- Pereira, Elsa (2024). «O garcialorquismo minhoto de Pedro Homem de Mello». *Colóquio/Letras*, 217: 135-145.
- Soares, Mário (2000). «Manuel Bullosa». *Público* (8 de abril). <<https://www.publico.pt/2000/04/08/jornal/manuel-bullosa-142361>>

## Notas

- \* Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CLUL. Trabalho financiado por fundos nacionais, através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória (DL57/2016/CP1443/CT0033) e do Projeto Estratégico / Programático UIDB/00214/2020.
- Vd. o anteprojeto da Rua de Júlio Dinis entre as ruas do Triunfo e da Saudade (Câmara Municipal do Porto, Documento/Processo 1933/01/19 – 1945). <<https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23462/>>
  - Barata Feyo foi responsável por várias esculturas de homenagem a vultos da literatura. Além do monumento a Rosália de Castro, assinou esculturas de Alexandre Herculano (na Avenida da Liberdade, Lisboa), Almeida Garrett (na Avenida da Liberdade, Lisboa e na Praça Humberto Delgado, Porto), Antero de Quental (no Jardim da Estrela, Lisboa), Ruben A. (no Jardim Botânico, Porto), entre outros.
  - Trata-se do poema «A Pilar Castro y Alván», datado de 13 de junho de 1884. O manuscrito, entretanto reproduzido no opúsculo *Homenagem a Rosália de Castro* (CMP, 1955: 37-38) e na *Antologia Poética* organizada por Guerra da Cal (1985: 122-123), encontra-se atualmente na secção de Reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto, constituindo «um dos raros autógrafos salvados da destruição de todos os manuscritos inéditos da escritora – levada a efeito por suas filhas Alexandra e Áurea, em cumprimento da última vontade da sua progenitora – por encontrar-se entre os papéis de Manuel Murguía, marido de Rosalia» (Guerra da Cal, 1985: 124).
  - A este propósito, vd. Lopez & Pociña, 2018.
  - Já em 1949 a Câmara Municipal de Lisboa homenageara a poetisa galega, dando o seu nome a uma rua da freguesia em Alvalade, junto à Avenida da Igreja.
  - «Manifesto dos Escritores Galegos sobre Rosalia», *La Voz de Galicia* (24 de fevereiro de 1885). Apud Guerra da Cal, 1985: XVI.
  - Durante o regime ditatorial do Estado Novo (1932-1974), a censura, a propaganda e a cultura popular eram controladas em Portugal por uma instituição governamental chamada SPN (Secretariado de Propaganda Nacional), mais tarde SNI (Secretariado Nacional de Informação) e também SEIT (Secretaria de Estado da Informação e Turismo) – Côrte-Real 2002.
  - A este propósito vd. documentação guardada no espólio de Pedro Homem de Mello, à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal – BNP, E14, cx. 13 [pasta 1] e cx. 14 [pasta 7].
  - Depois de estudar em Coimbra e de se licenciar em Direito na Universidade de Lisboa, Pedro Homem de Mello começou por trabalhar como advogado e subdelegado de Procurador da República em Águeda, antes de se tornar professor do 8.º Grupo do Ensino Técnico e Profissional. Lecionou em Évora durante dois anos e no Porto – inicialmente na Escola Comercial Oliveira Martins e na Escola Comercial Mouzinho da Silveira, cuja direção assumiu em 1943, até serem detetados um desfalque na tesouraria da escola e indícios de má organização contabilística, em 1952. A este propósito vd. documentação guardada no espólio de Pedro Homem de Mello, à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal – BNP, E14, cx. 13 [pasta 1] e cx. 14 [pasta 7].
  - Na direção desta revista estavam os portugueses Amândio César, António Álvaro Dória, Arlindo Ribeiro da Cunha, Egidio Guimarães, Francisco Martins da Costa, Manuel Antunes; os brasileiros Cyro Pimentel, Ilka Sanches, Donatello Grieco; e os galegos Leandro Carré Alvarelos, Ramón Otero Pedrayo, Sebastián Martínez Risco.
  - Pseudónimo de José Rodrigues Vale (1866-1934), João Verde foi um poeta natural de Monção que contactou com vários autores galegos, como Francisco Añon, Curros Enríques e «essa suprema alma lírica galega de Rosália de Castro, que foi e será eternamente a sublime cantora das campinas galegas» (*O Regional*, 09-03-1902, apud Nunes s.d.). A sua obra mais conhecida, *Ares da Raia*, foi publicada em 1902, na tipografia de Eugénio Krapf, de Vigo, apresentando no pórtico os versos aqui aludidos por Pedro Homem de Mello. A primeira versão autoral do poema melliano continha ainda referências a Maria Manuela Couto Viana (1919-1983) – escritora, declamadora e atriz portuguesa, natural de Viana do Castelo e irmã do poeta António Manuel Couto Viana (1923-2010) – e Júlio Evangelista (1927-2005) – poeta e advogado natural de Valença do Minho, que foi próximo do Regime, tendo desempenhado cargos no Secretariado Nacional de Informação.